

Memórias de Lince

Janir Ribeiro

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

Dona Júlia

Quem via dona Júlia em seu caminho para a roça todos os dias nem imaginava o que pesava naqueles ombros além da enxada e dos anos de luta. Ela colocava o chapéu de palha na cabeça e começava a lida abrindo a porteira, deixava o gado no pasto e seguia para limpar o arroz no baixio da cacimba.

Sempre de cara amarrada, como se dissesse *não me amole*. Eu nem ligava. Gostava de ver o jeito dela trabalhar. Certa vez, a acompanhei até as suas plantações. Havia uma cacimba, nunca tinha visto uma. Não era grande como imaginava. Fiquei com os ouvidos atentos ao que dona Júlia contava.

— Veja, Lince, o arroz está no ponto de colher. Agora vamos cortar e limpar tudo ao redor. Com a estiagem, a água vai baixando. Luiz vai cavando com a chibanca e aos pouquinhos vai minando. Água limpinha. Água pra beber.

Logo avisou pra ninguém colocar o pé dentro. Vi uma elevação em volta da cacimba para evitar entrar sujeira na época da chuva. As mulheres da família buscavam água, esticavam o braço, pegavam uma cuia ou um caneco, iam enchendo a lata, a colocavam na cabeça e levavam embora.

Mesmo com oportunidade de sair do sítio, dona Júlia o escolheu e deu a vida pela terra de nascença. Ao chegar em casa no final da tarde, tirou o chapéu, olhou para o céu, sentou-se na calçada e começou a arrancar os carrapichos da roupa. Obser-

vei me perguntando por que ela ainda trabalhava tanto. Subi os degraus da calçada correndo e me sentei perto dela. Até parece ter adivinhado meu pensamento. Contemplou o céu mais uma vez, depois me encarou com um ar perdido, e falou, não sei se pra mim, ou pra si mesma:

— Não sou de desfiar rosário, o meu esforço é para gente minha jamais ser obrigada a passar por humilhação em outras terras. Era muito nova, mas atinada das mazelas deste mundo. O governo dizia não ser possível acabar com a pobreza e dava um jeitinho de afastar os flagelados dos ricos da capital. A seca de 1932, aqui no Ceará, me deixou uma ferida. O gado morria de fome e sede. Ninguém tinha mais nada para comer. Desesperado, papai disse que ia embora em busca de trabalho. Mamãe chorava e eu também. Não queríamos abandonar essa casa, mas a solução era partir. Juntamos alguns pertences e fomos a pé rumo à estação do trem. Papai ainda arreou o burro e desistiu. Preferiu trocá-lo por alimentos no engenho do seu Florêncio. Acompanhamos uma cambada de gente nessa migração sem rumo certo. Antes de chegar na estação, disseram pra nós que as passagens para a capital estavam suspensas. Ficamos ali atordoados. Não demorou muito, dois homens se aproximaram e nos informaram de um acampamento do governo. Teria comida pra todos e logo começaria o alistamento numa frente de serviço. Chamaram os meus irmãos para trabalhar numa obra na rua do comércio de Crato. Outros foram para as construções de estradas e ferrovias. Meus irmãos não voltaram para dormir no abarracamento. Uma semana havia se passado sem notícias deles. Acreditamos que voltariam ao terminar o calçamento das ruas principais. Minha mãe foi se entristecendo de preocupação. A fraqueza e a fome a fizeram piorar, teve febre alta. Adoe-

ceu de um mal que nem gosto de dizer o nome. Eu me apavorei porque tiraram ela para uma barraca mais afastada. Disseram ser doença contagiosa. Com dois dias, foi o meu pai. Vi muita gente morrer no campo do Buriti. Quase enlouqueci.

Dona Júlia ia mudando a expressão do rosto. Com a voz embargada, reprimia as lágrimas enquanto falava.

— Fiquei matutando uma coisa, e até hoje não sai do meu juízo. Tinha uns encarregados de levar os doentes mais graves para um canto afastado dos outros. Eles ajeitavam a comida dos enfermos. Garantiam dar remédio e alimento, porém ninguém escapava. Todos morriam. Repetidas vezes ouvia alguém dizer *aqui ninguém morre de fome, morre de barriga cheia*. E imaginava: será que eles colocavam veneno na comida para os moribundos morrerem depressa e acabar logo com a agonia? Não sabia mais o que pensar. Estava desolada. Sem mãe, sem pai e sem notícias dos meus irmãos. Desanimada, sentia fraquejar. Quando os encarregados passavam com os pratos pro lado dos internados, sentia o cheiro de comida boa. Às vezes me ofereciam, eu não aceitava não. Na minha cabeça, essas refeições eram envenenadas. Pra nós, mais jovens, levavam feijão velho duro com farinha. Um dia chorei muito e pedi a Deus que me desse luz pra descobrir como sair de lá. Era um grande curral dividido em vários cercados com barracas. Gente vivendo igual a boi preso vigiado noite e dia. Só podia deixar o lugar se fosse para trabalhar e com fiscal na espreita pra todo lado.

O relato dessa tragédia ocorrida próximo de Arribana, destruindo famílias sofridas com a seca, me perturbou bastante.

— Então anunciaram que ia ter um casamento. Com as atenções voltadas para a novidade, botei fé na minha oportunidade de fugir. Sozinha, ia enfrentar o caminho de volta. An-

tes de ir, me lembrei de pegar o vestido azul marinho da mãe, guardado de lembrança. Sentia ela me protegendo. Andei parecendo ajudante da noiva nos preparativos, para enganar. O vigia do portão estava de olho. Segui beirando a cerca, pensando na escapatória. Muito alta. Madeira e arame farpado. Não dava pra pular. Abaixei procurando uma brecha. Deitei no chão, fui me arrastando no pouco espaço. Os braços e a cabeça do lado de fora. O vestido na mão. Era como se minha mãe estivesse ali me puxando. Fui deslizando, me livrando da roupa enganchada no arame. Consegui sair como vim ao mundo. Botei o vestido da mãe. Corri numa desabalada. Entrei no mato; se não via ninguém, corria mais. Comecei a descer a serra na direção de Arribana, antes do amanhecer. Cheguei no engenho do seu Florêncio depois do meio-dia. Os trabalhadores não me reconheceram. Um deles, o Luiz, ouviu a minha história e se compadeceu. Pediu para esperar por ele na sombra do imbuzeiro, foi buscar água, rapadura e farinha pra mim. Enquanto esperava, me apoiei no tronco e deu para descansar um pouco. Me senti amparada e voltei a ter esperança, apesar da dor profunda de voltar sozinha. Conversei com dona Helena, a esposa de seu Florêncio, contei do acontecido comigo e minha família. Ela ofereceu ajuda. Eu precisava de ânimo para continuar trabalhando como meus pais me ensinaram. Via a dureza das pessoas, a dúvida se o sítio ainda me pertencia. Perguntaram se o meu pai não teria vendido pro coronel Ferreira! Tirei do bolso do vestido azul o documento embrulhado e mostrei. Mesmo só com quinze anos, nenhum aproveitador ia me enrolar não.

Coisas difíceis de falar e de ouvir sobre um campo de concentração cearense. Eu tinha dez anos. Naquele momento, senti medo! Impossível esquecer a história de dona Júlia.

— Dona Helena foi boa pra mim. Deu lençol e muda de roupa. Fiquei uns dias ajudando com as costuras. Após um mês, me casei com o Luiz. Dona Helena emprestou uma vaca pra ele cuidar e tirar o leite pra nós. E prometeu *quando essa vaca parir uma fêmea, será de vocês como presente de casamento*. Trabalhamos muito. No inverno, colocamos a vida nos eixos. A família da roça com um pedacinho de chão, uma vaca leiteira e uma cacimba não passava fome... Arribana tem cinco mil pessoas, e não prosperou porque desde o tempo das sesmarias, os grandes fazendeiros exploram os pobres. Quem pode, manda os filhos para estudar e morar nas melhores capitais do Brasil e até da Europa. Os meninos que não podem estudar, assim que completam dezoito anos, vão para São Paulo. E o maior sonho deles é conseguir um emprego com carteira assinada. Gente como eu que tem umas vaquinhas e uma gleba, sabendo cuidar da terra, dá para garantir uma vida sossegada. Lince, assim como a velha da foice, tem a assombrada do chapelão, e às vezes elas andam juntas. Uma traz a morte, a outra traz a fome. Vi as duas bem de perto. Por isso não largo a enxada um só dia. É preciso aprender a lutar com as armas que temos. A minha enxada, o meu terço e este chapéu bem grande me protegem do sol e afastam as tribulações.

Após ouvir Dona Júlia, entendi o porquê de não deixar seu lar e as plantações. É seu orgulho. Teve que nascer de novo, da cerca do campo de concentração, órfã, faminta, e se restabelecer.

Voltei sem saber o que dizer daquele esbarro da gota! Ela pressa a um passado, a todo momento na defensiva, com medo de um novo tempo de seca e violência. E eu sonhando com o futuro me perguntei o que assustava mais nisso tudo. Deitei na rede e fechei os olhos; no entanto, não conseguia dormir pensando na velha do chapelão e na força pulsante entre a riqueza de vida e a miséria.



A cancela

Quando eu era pequena, não entendia por que muita gente passava apressada pela cancela do rio. Ficava a poucos metros do imbuzeiro da minha casa, exatamente no final de um corredor ladeado de avelozes, que interligava Arribana ao engenho e aos sítios da redondeza. O povoado é perto da nascente do rio Catolé, numa fronteira do Vale do Cariri com o sertão cearense. Antigamente, no local existia um curtume pertencente ao coronel Ferreira. Era o ponto de encontro de criadores de gado e curtidores de couro vindos de Pernambuco e da Paraíba.

O Catolé dava forma ao brejo de cana do seu Florêncio. Os avelozes grandes e emaranhados impediam os raios de sol de penetrar a vegetação qualquer hora do dia nesse caminho. Não se conhecia o motivo de tanto pavor ao passar pela cancela. Os mais velhos contavam de marmotas acontecidas ali. Eu voltava da escola correndo, sempre na mesma hora em que o Gegê levava o gado para beber água no rio.

O coitado do Gegê trabalhava demais, mesmo tão novo. Saía de madrugada para o canavial montado num burro com cangalhas e cambitos. Dava cada grito, que ecoava da cancela até o rio. Só com um estalo de reio, o burro disparava corredor abaixo. Em pouco tempo, estava de volta com a cana para abastecer as moendas do engenho movidas por juntas de bois. À tarde, ainda ia cuidar das vacas leiteiras do seu Florêncio.



Auroras é um selo da editora Penalux dedicado exclusivamente à publicação de mulheres.

E-mail

auroras@editorapenalux.com.br

Instagram

[@seloauroras](https://www.instagram.com/seloauroras)

Memórias de Lince,
escrito de mulher da
Revolução Literária.

4ª temporada Auroras

Livros iluminam

Este livro foi composto em Minion Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em março de 2024.
